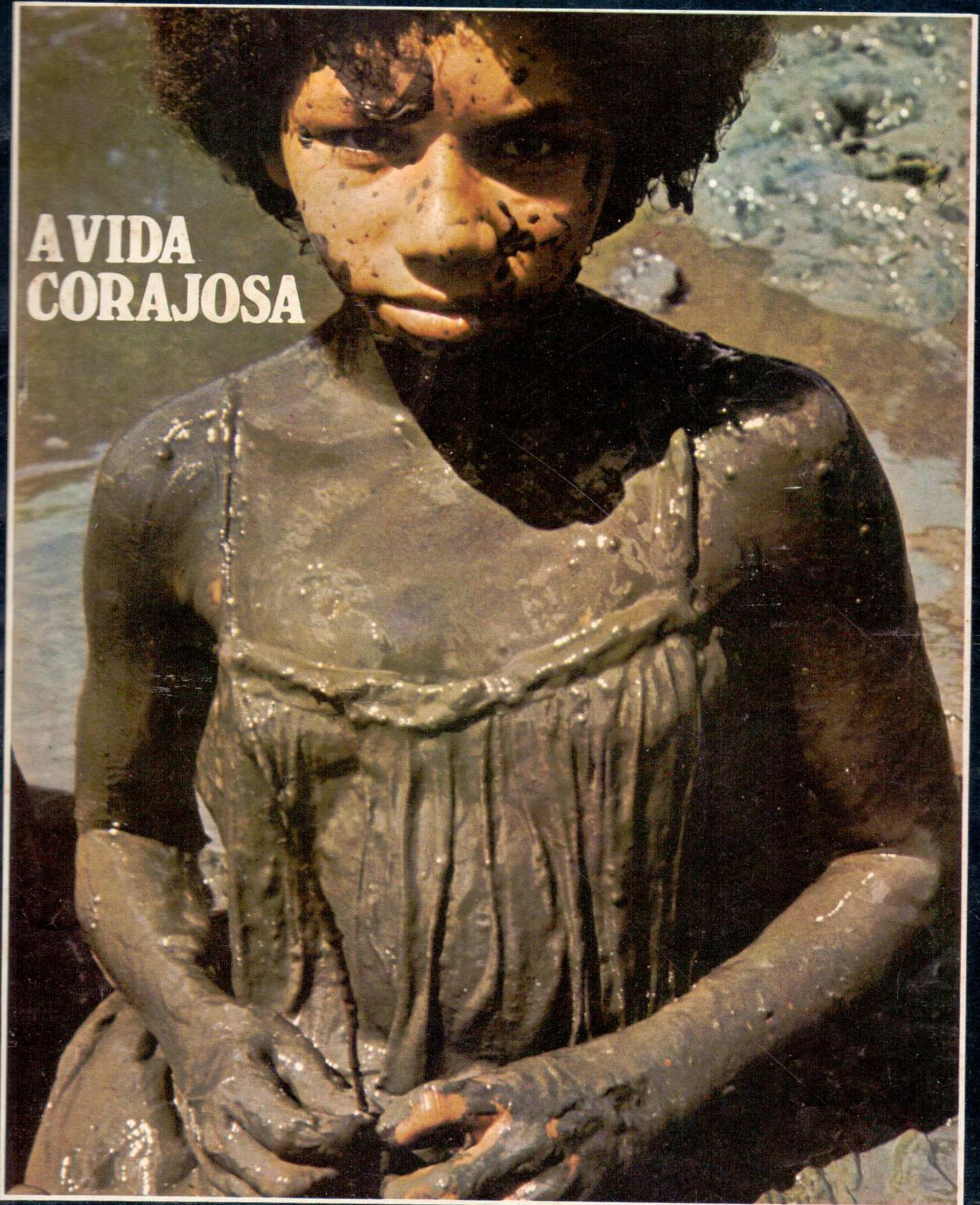


REALIDADE

MARÇO 1970

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL

NCr\$ 2,50



**A VIDA
CORAJOSA**

**BAIXO
S JOVENS?**

**PASSARINHO: VOU
BALANÇAR O PAÍS**

**VOCÊ JÁ LEU
CASSANDRA?**

QUAL O PECADO DE ODETE?

É viver duas personagens.
Uma é ela mesma,
Odete Rios, criatura
simples, que mora
num apartamento com seus
quatro cachorros. A outra . . .

Texto de Hamilton Ribeiro
Fotos de Luigi Mamprin



... a outra, escritora de livros proibidos, só lhe traz problemas. Por causa dela, Odete é também uma criatura triste e amarga.

CASSANDRA RIOS

Dona Cassandra Rios: Diga à minha filha Odete para ela me visitar. As saudades são muitas, não agüento mais. Damiana.

Cassandra leu o bilhete e chorou. Deixou por um instante de pensar no processo, vestiu uma roupa à vontade e tocou para as Perdizes. Invadiu a casa gritando:

— Ei, Ula-Ula, cadê você?

— Quem está aí?

— É a Dete, mãe.

Era o ano de 1962. Começava no Forum de São Paulo um processo contra a escritora Cassandra Rios. As acusações eram várias e os jornais faziam grande estardalhaço.

— Eu disse, minha filha, que você ia enfrentar o mundo!

— Eu só queria, mãe, que eles soubessem a diferença entre a minha vida particular e as muitas vidas dos meus personagens. Será que isso é tão difícil?

Cassandra tinha escrito, até então, dez livros. Dêses dez, oito acabaram proibidos. Mas ela continuou escrevendo e neste ano de 1970 chegará a uma posição jamais alcançada por uma escritora brasileira: será a primeira mulher a atingir 1 milhão de exemplares vendidos. Ela é a única mulher no Brasil que vive exclusivamente de livros; mesmo entre os homens, só Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos a acompanham. Alguns de seus livros alcançaram dez edições regulares (fora as clandestinas); está agora em entendimentos com uma editôra inglesa para seus livros serem editados na Europa; vive razoavelmente com o que ganha nesse trabalho, mas jamais conseguiu essa coisa que lhe parece tão simples: que separem, ao falar nela, a autora dos seus personagens.

A Volúpia do Pecado

— Querem que a Cassandra Rios seja tudo aquilo que a escritora imagina para os seus livros. Era preciso que eu tivesse mil anos!

Com dezesseis anos, aluna da terceira série de um ginásio particular, Odete tinha gavetas cheias de coisas escritas. Poesias, romances, crônicas, novelas, contos. Às vezes escrevia durante a aula e passava as folhas para as colegas. Era o tumulto. Uma vez a professora percebeu, exigiu o papel, era um capítulo de **Carne em Delírio**.

— Nossa!... Odete, você está suspensa por três dias da minha classe.

O sonho de ver um livro publicado passou a monopolizar todos os momentos da estudante de dezesseis anos. De dois romances já prontos, escolheu, para estréia, **A Volúpia do Pecado**, por achar que êle encerrava um grande ponto de venda: era a história de amor entre duas adolescentes. (O homossexualismo feminino é assunto de dezesseis dos seus 23 livros.)

Sem conhecer nenhuma editôra, guiou-se pela lista telefônica e passou a procurar uma por uma.

— Não interessa, mocinha. Só editamos livros sacros.

Quando não a despachavam sumariamente, as editôras pediam que deixasse os originais e viesse saber a resposta depois. Na terceira negativa, fêz um teste (suprimiu todo um capítulo) e confirmou sua suspeita: não liam os originais. Só lhe restava um caminho: arranjar dinheiro e pagar para o livro ser publicado. Seus pais, espanhóis da Galiza, tinham meios para isso, mas o problema estava em que **não podiam** ler o romance. Família católica, convencional, certinha, não aceitaria que a filha escrevesse aquelas coisas. Tinha de conseguir o dinheiro por outro meio; resolveu trabalhar. Arranjou emprêgo de secretária no escritório de um advogado e planejou guardar intato o ordenado de cada mês para juntar o dinheiro da entrada na gráfica: 25 contos. Seriam quase três anos de trabalho.

Mas seus pais não gostavam que ela trabalhasse fora; era motivo constante de briga em casa. Um acôrdo secreto entre a mãe — Dona Damiana

— e a futura escritora resolveu a questão. Sem que o marido soubesse, Dona Damiana juntaria o dinheiro da entrada, ao mesmo tempo em que se comprometia, sob juramento — “Esse negócio de jurar, espanhol respeita muito” —, a jamais ler a história. Livro garantido, deixou o emprêgo e começou os entendimentos com a impressora.

Seu nome verdadeiro — Odete — não poderia aparecer. Desde os treze anos, usava pseudônimo em seus escritos: Cassandra. Cassandra era uma pitonisa grega sôbre quem pesava uma maldição: ao mesmo tempo em que tinha o poder de prever as coisas, tinha também a desgraça de jamais ser acreditada. Profetizou a catástrofe que seria causada pelo cavalo de Tróia e pediu que não o deixassem entrar na cidade. Mas, como sempre, não lhe deram fé, e o cavalo entrou, levando a guerra, a destruição e a dor.

Finalmente, com uma declaração falsa de idade no contrato para não haver problema com o Juizado de Menores e o nome de Cassandra Rios, ficou pronta a edição de **A Volúpia do Pecado**. Odete vibrava:

— Fantástico. Deve ser a mesma sensação de quem tem um filho!

Enquanto festejava o livro e se sentia a escritora mais importante do mundo, fazia milagres para impedir que algumas pessoas o lessem: o pessoal da casa, os professores do ginásio.

Dada a entrada na gráfica, havia ainda cinco pagamentos a fazer, até completar o preço total: 50 contos. Com o livro na mão, Cassandra pôs-se a percorrer as livrarias, para colocá-lo. E deu-se um fato extraordinário: em pouco tempo, 1 000 exemplares se venderam. Quando voltou à gráfica para buscar outros exemplares não havia mais. Reclamou — a edição combinada era de 2 000 — e recebeu uma proposta: “Em vez de você nos pagar os 25 contos que nos deve, nós lhe damos 20 contos e ficamos com o seu livro”. Inexperiente, desarmada no meio da selva de edi-

SEGUIE



Odete é a filha caçula de um casal burguês; Cassandra virou manchete de jornal

tôres e de gráficas, Cassandra cedeu. Entregou, por 20 contos, os direitos totais de um livro que, até ser proibido no processo de 1962, seria reeditado nove vezes.

— E não seria essa a última vez que eu havia de ser assim roubada!

Embalada com o sucesso, levou **A Volúpia** para os críticos literários, nos jornais. Como aconteceria depois com todos os seus livros, ninguém emitiu opinião. Não gastaram espaço nem mesmo para dizer que o livro era ruim; foi julgado, literalmente, abaixo da crítica.

Casamento sem lua-de-mel

Publicado o livro, o drama da luta entre Cassandra e Odete acirrou-se. Uma era a escritora que descrevia com vigor cenas homossexuais entre mulheres, em meio a histórias recheadas de paixões, intrigas, ciúmes, vinganças. A outra era a filha temporona de um casal burguês, católico, bem de vida.

— Quando Odete nasceu — diz sua mãe, Dona Damiana —, as minhas duas filhas já tinham oito e sete anos. Ela foi a nossa tentativa heróica para ter um menino.

Ainda que o juramento de não ler o livro tenha sido cumprido, a repercussão dele encheu a casa de comentários e de pressões. Muitas vezes Odete foi proibida de escrever. Para fugir à vigilância, escrevia à noite — das 6 da tarde às 7 da manhã —, usando a máquina emprestada pelo dono de uma serraria. Às vezes tomava o café da manhã junto com o pai, às 7 horas, ele achando muito bom aquele hábito da filha de levantar cedo.

A publicação de **Carne em Delírio** foi fácil. Apresentou os originais ao funcionário de uma editôra, falou do êxito do primeiro livro e deu-lhe uma semana para a resposta. Ao fim dos sete dias, encontrou o homem entusiasmado.

— Eu é que vou editar esse livro.

Pedi demissão da editôra, estou montando uma firma própria e vou inaugurar-la com o seu romance.

Assim foi. Como o primeiro, a **Carne** vendeu bastante. O nome de Cassandra Rios passou a ser visto como um bom negócio para certas editôras. Foi então procurada por uma empresa carioca que lhe propunha um contrato de exclusividade, pagando-lhe adiantado e estabelecendo a retirada mensal de 35 contos de réis pelo direito de publicar os livros que escrevesse daí em diante. Era a sua profissionalização como escritora, era a oportunidade sonhada de viver daquilo que gostava de fazer, e de que não podia fugir: seus livros. Mas, ao mesmo tempo, podia ser um terremoto em casa, a luta entre Odete e Cassandra chegaria a um ponto de explosão, aquilo podia significar a desunião com sua família, que, acima de tudo, ela venerava.

Nos tempos de estudante, Odete tinha sido namorada, e até noivara duas vezes. Veio-lhe daí a idéia de como libertar-se, sem operação e sem dor, do controle familiar: casando-se!

— Eu tinha um grupo de amigos, e combinei com um deles a farsa completa: namôro, noivado e casamento, com véu e vestido, convidados, igreja e tudo. Fêz-se, assim, no melhor estilo católico e burguês. Após a cerimônia, fomos para a lua-de-mel: o Eugênio para o Rio, eu para o Guarujá...

Para Dona Damiana, hoje, simplesmente o casamento não deu certo. Para Cassandra, ele cumpriu perfeitamente sua missão de pôr fim à guerrilha interna da família.

— Para eles, a filha casada era um suspiro de alívio; para mim, foi o grito de libertação.

Com apartamento próprio, um bom contrato com a editôra carioca, uma sede imensa de escrever, Cassandra Rios passou a existir completamente. Vivia entre o Rio, São Paulo e Paquetá. Odete Rios, a filha temporona de um casal burguês, restringia-se aos

almoços de domingo e às solicitações internas da família — era uma pedra reservada. A outra é que enfrentava o mundo.

Um caso de polícia

O primeiro livro na editôra carioca — **Eudemônia** — foi um grande êxito (dez edições, até ser proibido). A personagem é uma mulher dominadora que se apaixona por uma prostituta. Quando a surpreende traindo-a com um homem, e esse homem é seu pai, Eudemônia entra em colapso nervoso e é internada numa clínica psiquiátrica, onde um médico e uma médica são os responsáveis pelo seu tratamento. Disposta a provar que o amor é superior a tudo, Eudemônia propõe-se demonstrar que qualquer pessoa joga tudo por uma grande paixão. Primeiro conquista o médico, com quem se casa. Depois despreza-o e volta-se para a médica, que abandona tudo para ir viver com ela.

Escreve depois **Sarjeta, Lua Escondida, O Gamo e a Gazela, Bruxo Espanhol, As Vedetes, Georgette e Copacabana, Pôsto Seis**. Enquanto se foi firmando o conceito de que Cassandra Rios era autora de sucesso garantido — cada novo livro seu vende 3 000 exemplares em quinze dias, sem nenhuma propaganda — foram também sendo criadas dezenas de histórias em torno do seu modo de viver.

— Cassandra? Ela seduziu e roubou a mulher do próprio irmão. (E ela nem tem irmão.)

— Cassandra Rios? Ela tem um harém de lindas meninas.

— Seus livros? Pura autobiografia: tudo que ela conta, ela faz. (E quando seus personagens matam?)

— Cassandra não existe; é um homem que escreve aquilo tudo.

Surgiu um mito **Cassandra**, e virou manchete de jornal: "Cassandra Rios procurada pela Delegacia de Costumes!" Passou daí para o Forum, num processo em que se pedia a proibição de todos os seus livros e onde ela era

SEGUE



Cassandra já foi condenada; Odete sofreu bastante

acusada de várias coisas, principalmente ultraje público ao pudor.

— Senti desabar o mundo sobre mim. Faziam questão de confundir e misturar a vida dos personagens — que é fruto puro da imaginação — com a vida da autora. Imagine que me perguntaram insistentemente quem era Sani, um personagem do **Bruxo Espanhol**, cuja história se passa na Idade Média.

Lentamente, o caso seguia na justiça criminal. Prevendo que todos os seus livros escritos até então podiam ser proibidos, Cassandra escreve novo romance — **Tara** — em uma semana, para atender a um editor que quer aproveitar a onda de publicidade. Em um mês **Tara** está na rua, vendendo 20 000 exemplares em pouco tempo.

Segue o processo e Cassandra teme, além da interdição dos livros, que ela, de uma forma ou de outra, acabe também impedida de escrever. Pensa em outra forma de ganhar a vida e monta uma livraria especializada em encadernações. É no balcão da livraria que recebe a decisão da Justiça: oito livros proibidos e pena de multa por ultraje ao pudor (fazer ou distribuir escritos obscenos).

— O processo me estraçalhou. Tive de juntar os pedaços para continuar vivendo.

Mas a condenação teve também seu lado positivo: a Justiça não levou em consideração os boatos sobre sua vida particular; só a obra foi julgada.

Cassandra manteve a livraria durante quatro anos; foi, nesse tempo, também a sua própria editora. Um dia cansou do comércio, vendeu tudo e voltou a ser escritora de tempo integral. De 1962 — ano do início do processo — até 1969, escreveu mais treze livros. E tem agora três novos romances para sair.

As quatro pequinesas

É difícil encontrar, fora de sua família, quem conheça Cassandra Rios.



O mito criado em torno dela tornou-a uma pessoa arredia, permanentemente na defensiva. Vive isolada, quase não sai de casa, seu mundo íntimo é pequeno e impenetrável.

— Acho que as únicas pessoas que a conhecem são os editores e seus inquilinos — disse-me um seu ex-inquilino.

O zelador do prédio onde ela mora lhe tem muito respeito.

— Dona Cassandra é pessoa considerada. Basta ver que ela tem quatro cachorros no apartamento e nunca ninguém reclamou.

O dono do estacionamento onde ela guarda o carro:

— Cassandra é como se fôsse minha filha!

Só um pequeno grupo de amigos — mais amigas do que amigos — e seus parentes freqüentam o apartamento. Ela não gosta de atender estranhos, nem mesmo para autografar livro. Recebe duzentas cartas por mês e não responde a nenhuma. Na primeira vez que a procurei, Maria, uma amiga que mora com ela, pediu a minha carteira de jornalista e examinou-a cuidadosamente. Fora a polícia, foi a primeira vez, no Brasil, que me pediram credenciais para uma entrevista. Depois disso, entretanto, ambas foram muito amáveis.

Cassandra está agora com 37 anos. Nasceu no dia 3 de outubro, dia de Santa Teresinha do Menino Jesus. E acredita no seu signo: Balança. Tinge o cabelo de loiro e só usa calça comprida e blusão.

— Já fui muito vaidosa em matéria de roupa. Cheguei a gastar 1 milhão e meio por mês no alfaiate, mas hoje acho que as calças rancheiras são boas para qualquer situação.

Não fuma, não bebe e tem alergia à fumaça de boate. Sua voz é de menina e o riso fácil, infantil. Chora com alguma facilidade, principalmente se a conversa é levada para o processo e para as histórias que se contam a seu respeito. Fala com muito desembaraço sobre seu trabalho de escritora e sobre as leituras prediletas: dicionários, mitologia, romances policiais, histórias em quadrinhos.

— Se eu não fôsse a Cassandra, jamais leria os meus livros; não são do meu gênero!

Tem veneração pelo escritor inglês Richard Llewellyn, autor da novela — muito conhecida por ter sido transformada em filme — **Como Era Verde meu Vale**. Llewellyn, que lê português e passa temporadas no Brasil, escreveu no prefácio de um dos livros de Cassandra que ela “é excepcional naquilo que estuda, aqueles es-

Odete jamais leria os livros de Cassandra

caninhos da mente humana até agora barrados — pelo puritanismo ou por leis ultrapassadas — à discussão pública”. E disse ainda: “Ninguém é profeta em sua terra e estou certo de que um dia ela será conhecida em todo o mundo”.

Cassandra não frequenta nenhuma entidade de escritores. Conta que foi convidada a ser membro de uma academia de letras clandestina, que está para ser fundada em São Paulo e que vai ter a “caipirinha das 11” ao invés do “chá das 4”. O distintivo — idéia do panfletário Fernando Jorge — será um ourinol.

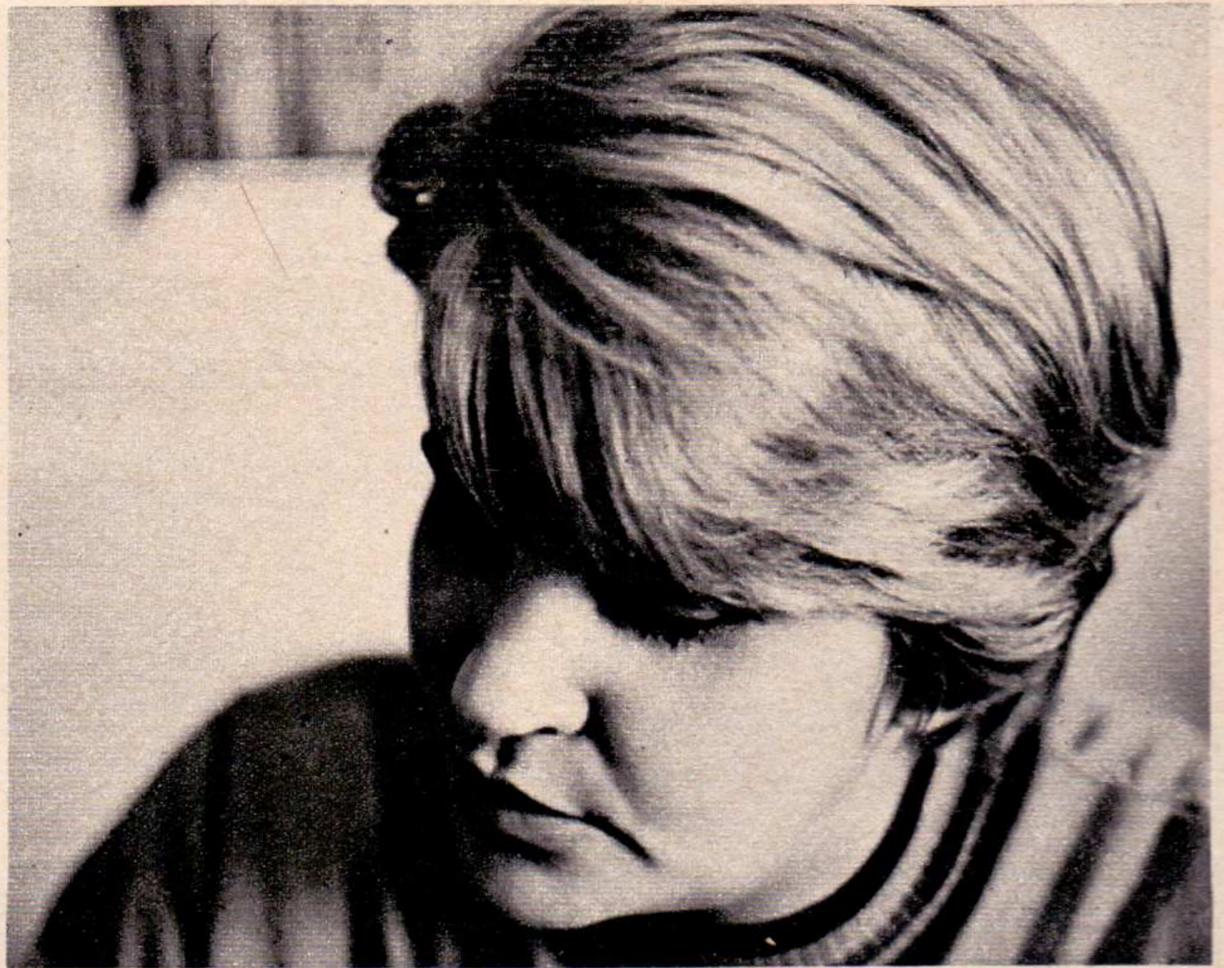
O apartamento onde vive é simplesmente mobiliado e a existência, nêle, de quatro pequineses não lhe permite estar sempre brilhando. Todos os cachorrinhos são fêmeas.

— Nunca vou permitir o cruzamento, a menos que haja expressa indicação do veterinário. É muito doloroso para elas.

O lugar mais ajeitado do apartamento é o escritório, onde Cassandra passa a maior parte do tempo. Quando está criando um livro, leva-o de embalo, trabalhando de doze a quinze horas por dia; só interrompe para ver as novelas da televisão. Ela própria faz a revisão de provas — edições e reedições — e isso corresponde a um trabalho cansativo, quase braçal. Para evitar a repetição de prejuízos com editores (já chegou a comprar sete vezes **todos** os exemplares restantes de uma edição que estava oficialmente esgotada), ela agora rubrica todos os livros, um por um. Quando se trata de livro novo (20 000 exemplares na primeira edição), chega a formar calo no dedo.

Na parede atrás da escrivaninha, no escritório, estão alguns desenhos seus, fotografias de quando ela recebeu uma comenda e três reproduções clássicas de mulheres nuas (ninfas e oceânides). Um dia notei que as reproduções tinham sido cobertas com páginas comuns de revista.

— Que foi?



— Quando mamãe vem aqui eu faço isso. Não gosto que ela veja.

Um bôlo de fubá

— Quem é você, Cassandra?

— Sou uma criatura simples, comum, cheia de problemas, triste e amarga. A vida de escritora tem sido muito dura para mim.

— Que é o homossexualismo?

— Uma questão de preferência. Com boa retórica, eu podia aqui alinhar uma centena de causas, mas, no fundo, o homossexual é homossexual porque é homossexual. É o homem que gosta de homem em vez de gostar de mulher; é a mulher que gosta de mulher em vez de gostar de homem. Foi alguém à sua casa perguntar por que você usa camisa esporte ou prefere Volkswagen? Acho que não. É a mesma coisa. Se as pessoas se preocupassem menos com as preferências alheias, o mundo seria bem melhor.

— É uma aberração?

— Não é. É uma forma de sexualidade como a outra. Os homossexuais não são pessoas aberrantes.

— Tem aumentado no Brasil o número de homossexuais?

— Não é que tem aumentado. É que, à medida que o assunto é debatido e estudado com seriedade, as pessoas tomam coragem de se revelar, vencem o medo reverencial que as mantinha à margem da vida, e passam a viver dentro de sua verdadeira situação.

— Você acha então que devia ser

permitido o casamento entre pessoas do mesmo sexo?

— Seria engraçado. E quando um casamento dêsesse se desfizesse quem reclamaria pensão de quem?

— Por que você acha que seus livros não são pornográficos?

— Pornografia é intenção deliberada de chocar, é corrupção, é prostituição impressa, é sexo pelo sexo. Nos meus livros, o sexo só acontece em função do amor, para realizá-lo plenamente e sem preconceitos.

Para responder a qualquer dessas perguntas, Cassandra dá voltas, cita fontes, refere-se a leituras e estudos e tem o cuidado de não parecer catedrática ou pedante. Jamais diz um palavrão, ainda que os use frequentemente nos livros.

— Passei a escrever palavrão depois que êle virou moda; também não posso ficar para trás.

Enquanto a gente conversa no escritório, Maria traz café, oferece bôlo de fubá ou sugere que a gente experimente o doce de leite que uns parentes lá de Barretos mandaram. Uma vez ou outra, a conversa pode ser interrompida pela chegada de um parente, seu ou de Maria, que vem combinar o almoço de domingo ou o jôgo de baralho para uma noite dessas. O ambiente é o mais familiar possível. Com os parentes — seja o sobrinho de dezoito anos, sejam primos do interior — Cassandra é amável e sincera. Sempre os retém para almoçar ou jantar, mas hospedá-los já envolve um problema de espaço: o apartamento só tem um quarto.

FIM